

## PORTUGAIS

---

*Commenter en portugais le texte suivant et le traduire de « Meu querido irmão,... » jusqu'à « ... proporcionar o mesmo sentimento. ».*

As cartas da irmã foram rareando, o que o entristecia muito. Embora já estivesse acostumado com a nova vida — já eram quase cinco anos de Brasil —, sentia muita da família e de algumas coisas que tinha deixado para trás. As cartas eram a única maneira de se sentir mais próximo de lá, cada palavra trazia para ele um pouquinho do cheiro da Turquia, do cheiro de casa. Ele também, quando escrevia, se sentia mais próximo da família e se lembrava dos sábados em que passavam horas em torno da mesa, feito o tempo não existisse. Havia um consenso de que aos sábados não se podia brigar, de forma que, verdadeiro ou não, o clima que reinava a casa era o da harmonia e da ternura. As cartas eram para ele como um sábado, um momento em que se sentia acolhido e seguro. Claro, nem sempre traziam boas novas, como o destino de sua querida Rosa, mas de uns tempos para cá sua irmã contava mais alegrias do que tristezas: o noivo que enfim encontrara, amado por ela e aceito pelo pai; a fartura dentro de casa; o casamento do irmão mais velho; a boa saúde geral, apesar das pequenas queixas da mãe. Por isso, quando as cartas deixaram de chegar todas as semanas e começaram a chegar de quinze em quinze dias, e depois uma vez por mês, ele teve receio de que estivessem lhe escondendo alguma coisa.

Tentava não pensar nisso e levar a vida normalmente, embora insistisse em saber se havia algum problema. A irmã era sempre contundente: não, meu querido irmão, não há problema algum, mas é que ando sem tempo, tantos os preparativos do casório (ela escrevia sabendo que nunca se casaria, as mãos trêmulas pela doença, o corpo mole estirado na cama). Ele acreditava nas palavras que lia, embora desconfiasse que entre elas houvesse algum segredo, um silêncio enorme e perigoso. Por isso, quando recebeu da mão do carteiro um envelope que não trazia o nome da irmã, mas do irmão caçula, entendeu que tinha razão, não estava fantasiando, a verdade era muito diferente da que lia nas cartas. Rasgou o envelope numa pressa afobada, pressentindo que dentro dele não haveria palavras menos dolorosas do que as da morte da Rosa.

Meu querido irmão,

Infelizmente não são boas as notícias que tenho para lhe dar. Sei que há longo tempo você insiste em saber se há algo de estranho aqui em casa, mas, se decidimos não lhe contar nada, foi por opção da nossa irmã. Ela assim o quis, pois não queria lhe trazer preocupações em terra tão distante, e assim o fizemos. Um pouco contra a minha vontade, porque sei que, como eu, você prefere a verdade, mesmo quando ela é dura e triste. Mas, entenda, é difícil recusar um pedido de alguém tão querido quando uma doença arrebatava seu corpo sem piedade.

Se escrevo agora é porque já não há mais o que esconder, já não há mais vontade a ser seguida. Foram sete meses de muita agonia e, conhecendo o papai como você conhece, deve imaginar que mal podíamos falar sobre o assunto, muito menos mencionar o nome da doença. Mas agora posso falar, devo falar. Tuberculose é o verdadeiro nome, meu irmão. Ela foi acometida pela doença no auge da alegria, quando já tinha decidido com o Samuel a

40 data do casamento. Você tinha que ver, nossa irmã andava serelepe pela casa, rindo à toa, o  
rosto rejuvenescido, uma felicidade só. Até que um dia acordou com o corpo fraco, uma tosse  
esquisita arranhando a garganta. Deve ser um resfriado tolo, pensamos. Só que, em vez de  
melhorar, ela piorava a cada dia, e, quando voltou do médico, percebi que aquela alegria de  
45 antes não reapareceria. Acho que nunca vi tanta tristeza numa única pessoa! O ar fresco e leve  
que reinava na casa começou a pesar tanto que eu tinha a impressão de que todos nós  
tínhamos as costas vergadas, de que havíamos adoecido junto com ela.

Nossa casa se tornou a mais triste do bairro, e nela não encontrávamos senão o  
sofrimento calado de uma família que sabe que vai perder sua única filha e o sofrimento dessa  
filha, dessa menina que acreditava ter achado a felicidade. Ela não quis lhe contar nada, meu  
irmão, porque preferia que você continuasse acreditando num mundo que já não existia. O  
50 único momento de alegria era quando ela recebia suas cartas com as novidades vindas do  
Brasil, seu emprego, sua saúde, seus amigos, e por isso queria lhe proporcionar o mesmo  
sentimento. Não quero que ele saiba de nada, ela me repetia, pois de nada serviria. Ou você  
quer que ele deixe seu novo lar para visitar uma irmã que já não tem muito tempo neste  
mundo? Não sejamos egoístas, ela falava convicta, cada um com a sua sina.

55 Mas agora, querido irmão, já não tenho por que esconder, pois ela não está mais entre  
nós para me pedir segredo. Eu sei quanta tristeza esta notícia lhe trará, sobretudo porque era  
você o irmão mais próximo, seu irmão gêmeo. Sinto a mesma dor, e sei o quanto ela pesa no  
peito. Principalmente quando penso na sua doçura, na sua leveza, mas também quando penso  
em tudo o que ela ainda tinha para viver, em tudo o que ainda tínhamos para viver juntos. Não  
60 há nada que me entristeça mais do que esse futuro perdido.

Nosso pai e nossa mãe não são mais os mesmos, andam com o olhar perdido, como se  
já não soubessem o caminho da vida. Nunca vou me esquecer da mamãe em volta do caixão,  
toda de preto, um lenço cobrindo a cabeça, como no dia em que você partiu, cantando  
palavras de lamúria a manhã inteira. Todos sabemos, mesmo sem viver a experiência, que não  
65 existe dor maior do que a de perder um filho.

Poderia estender essa carta em algumas páginas, contar-lhe os detalhes desses longos  
meses em que apenas esperamos a morte, mas o pouso desse excesso, pois a verdade já está  
dita, e é isso o que importa. O resto, cabe ao tempo definir. Por enquanto, nada podemos  
fazer, a não ser rezar pela nossa pequena e pedir para que fique em paz onde estiver.

70 Um abraço terno,  
Sabi

Tatiana SALEM LEVY (1979- ), *A Chave de casa*, 2013.